



Conferência de Igrejas Cristãs (CEC) & Conselho de Conferências Episcopais da Europa (CCEE)

**Primeiro esboço de revisão da Carta Ecuménica
para consultação**

**Por favor partilhe reações, comentários e demais
contributos até 15 Outubro de 2024, via email address:
charta@cec-kek.be**

Carta atual	Carta Revista
<i>Introdução</i>	<i>Introdução</i>
I Kerygma	I Kerygma
1 Chamados juntos à Unidade na fé	1 Chamados juntos à Unidade na fé
II Ecumenismo	II Ecumenismo
2 Anunciar juntos o Evangelho	5>2 Escutar a Palavra de Deus e Orar Juntos
3 Indo ao encontro do outro	3 Caminhando rumo a um Testemunho conjunto
4 Trabalhar juntos	2>4 Anunciar juntos o Evangelho
5 Orar juntos	4+6>5 Prosseguir o Diálogo e Trabalhar Juntos
6 Prosseguir o Diálogo	
III A Nossa Responsabilidade Comum na Europa	III Esferas de Encontro
7 Contribuir para a Construção da Europa	6 Participar na Construção da Europa
8 Reconciliar Povos e Culturas	10>7 Fortalecer a Comunidade com o Judaísmo
9 Salvaguardar a Criação	11>8 Cultivar Relações com o Islão
10 Aprofundar a comunhão com o judaísmo	12>9 Relações com Outras Religiões e Visões do Mundo
–	IV Campos de Envolvimento Comum na Europa
11 Cultivar Relações com o islão	8>10 Lutar pela Paz na Europa
12 Encontro com outras religiões e visões mundiais	9>11 Salvaguarda da Criação
	(novo, incl. aspectos de 8) 12 Migrações e Povos em Movimento
	(novo) 13 Novas Tecnologias e o Digital
	(novo, incl. aspectos de 7) 14 Europa e o Mundo
<i>Recomendações e assinaturas</i>	<i>Recomendações e assinaturas</i>

Carta atual	Revised Charta
<p>CREMOS NA “IGREJA UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA”</p> <p>“Procurai conservar a unidade do Espírito, por meio do vínculo da paz. Um só corpo, um só espírito, como uma é a esperança a que fostes chamados, a da vossa vocação, um só Senhor, uma só fé, um só baptismo. Um só Deus Pai de todos, que está acima de todos, age por meio de todos e está presente em todos” (Ef 4, 3-6).</p>	<p>CREMOS NA “IGREJA UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA”</p> <p>“Procurai conservar a unidade do Espírito, por meio do vínculo da paz. Um só corpo, um só espírito, como uma é a esperança a que fostes chamados, a da vossa vocação, um só Senhor, uma só fé, um só baptismo. Um só Deus Pai de todos, que está acima de todos, age por meio de todos e está presente em todos” (Ef 4, 3-6).</p>
<p>1. Chamados juntos à unidade na fé</p> <p>Em conformidade com o Evangelho de Jesus Cristo, como testemunhado na Sagrada Escritura, e formulado no Credo de Niceia-Constantinopla (381), acreditamos no Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo. A partir do momento em que, com este Credo, professamos a Igreja «Una, Santa, Católica e Apostólica», o nosso iniludível dever ecuménico consiste em tornar visível esta unidade, que é sempre dom de Deus.</p> <p>Diferenças essenciais no plano da fé impedem ainda a unidade visível. Subsistem concepções diferentes, sobretudo a propósito da Igreja e da sua unidade, dos sacramentos e dos ministérios. Não nos é concedido resignar-nos com esta situação. Jesus Cristo revelou-nos na cruz o seu amor e o segredo da reconciliação: daí que queiramos fazer o melhor possível para superar os problemas e os obstáculos que ainda dividem as Igrejas.</p>	<p>1. Chamados juntos à unidade na fé</p> <p>De acordo com o Evangelho de Jesus Cristo, segundo o testemunho da Sagrada Escritura e tal como expresso no Credo ecuménico Niceno-Constantinopolitano de 381, cremos no Deus Triúno: Pai, Filho e Espírito Santo. Cremos em Jesus Cristo que na sua cruz e ressurreição nos revela o amor de Deus e o mistério da reconciliação. Como nosso Senhor e Salvador, Ele nos envia o Espírito Santo para vivermos em koinonia com Ele como irmãos e irmãs. Confessamos que a obra de Cristo e a missão do Espírito Santo atingem a sua plenitude na Igreja “una, santa, católica e apostólica”.</p> <p>Em obediência à comissão final de Cristo (Mt 28,18-20; Mc 16,15-18), estamos prontos a proclamar este querigma comum a “toda a criação”, e especialmente a “todas as nações” da Europa; e anunciá-lo juntos! Acreditamos – e já experimentamos – que o querigma é um sinal poderoso – mas também uma fonte transbordante – da nossa unidade, que é sempre um dom de Deus.</p> <p>Reconhecemos as diferenças que ainda constituem obstáculos à unidade visível, entre elas as relativas à compreensão da Igreja, dos sacramentos e dos ministérios. Isto é motivo de doloroso pesar porque</p>

Comprometemo-nos:

- seguir a exortação apostólica da Carta aos Efésios e perseverar na busca de uma compreensão comum da mensagem de salvação de Cristo no Evangelho; Christ's message of salvation in the Gospel;
- no poder do Espírito Santo, para trabalhar em direção ao visível unidade da Igreja de Jesus Cristo na única fé, expressa no reconhecimento mútuo do batismo e na comunhão eucarística, bem como no testemunho e serviço comuns.

sabemos que o que partilhamos juntos é mais profundo e maior do que todas as diferenças. Precisamos de nos arrepender e de buscar o perdão e a reconciliação.

Nós nos comprometemos

- fazer o máximo para superar os problemas e divisões que ainda separam as igrejas;
- seguir a exortação apostólica da Carta aos Efésios e perseverar na busca de um discipulado comum de Cristo;
- trabalhar pela unidade visível da Igreja de Jesus Cristo na única fé, compartilhando uma só Escritura, em obediência à Palavra de Deus, seguindo a orientação do Espírito Santo. Isto tornar-se-á visível no reconhecimento mútuo do Batismo e na Comunhão Eucarística, bem como no testemunho e serviço conjunto.

II. A CAMINHO, RUMO À UNIDADE VISÍVEL DAS IGREJAS NA EUROPA

"Por isto todos saberão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13,35).

II. CAMINHANDO RUMO À UNIDADE VISÍVEL DAS IGREJAS NA EUROPA

"Por isto todos saberão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13,35).

5. Orar juntos

O ecumenismo vive do facto de escutarmos juntos a Palavra de Deus e deixarmos que o Espírito Santo opere em nós e através de nós. Por força da graça assim recebida, existem hoje múltiplos esforços, por meio de orações e celebrações, tendentes a aprofundar a comunhão espiritual entre as Igrejas, e a rezar pela unidade visível da Igreja de Cristo. Um sinal particularmente doloroso da divisão ainda existente entre muitas Igrejas cristãs é a falta de partilha eucarística.

Em algumas Igrejas existem reservas em relação à oração ecuménica em comum. Todavia, numerosas celebrações ecuménicas, cantos e orações comuns, em particular o Pai-Nosso, caracterizam a nossa espiritualidade cristã.

Comprometemo-nos:

- em rezar uns pelos outros e pela unidade dos cristãos;
- em aprender a conhecer e a apreciar as celebrações e as outras formas de vida espiritual das outras Igrejas;
- em diligenciar no sentido do objectivo da comunhão eucarística.

2. Escutar a Palavra de Deus e Orar Juntos

O movimento ecuménico é obra do Espírito Santo que encoraja indivíduos e igrejas à unidade. Ela vive de ouvirmos a Palavra de Deus e deixarmos o Espírito Santo trabalhar em nós e através de nós. Na força desta graça, muitas iniciativas diferentes procuram, através de serviços de oração e adoração, aprofundar o comunhão espiritual entre as igrejas e orar pela unidade visível da Igreja de Cristo. Apesar dos grandes esforços em prol da comunhão eucarística, as igrejas cristãs e as famílias intereclesiais lamentam a divisão remanescente.

Sabendo que “todos nós fomos batizados num só espírito, formando um corpo” (1Cor 12,13), celebramos sinais de esperança: ouvimos juntos a Palavra de Deus, alguns usando traduções bíblicas e lecionários conjuntos. Estudamos a Bíblia juntos, adoramos juntos, reunimo-nos para orações ecuménicas dos jovens e celebramos colaborativamente a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Nós nos comprometemos

- a caminhar juntos, escutando o Espírito Santo e trocando dons espirituais;
- a orar juntos, uns pelos outros e pela unidade dos cristãos;
- a aprender a conhecer e apreciar o culto e outras formas de vida espiritual praticadas por outras igrejas;
- a continuar avançando em direção ao objetivo da fraternidade eucarística e da hospitalidade.

3. Ir ao encontro do outro

No espírito do evangelho devemos reelaborar juntos a história das Igrejas Cristãs, que se caracteriza por, para além de muitas boas experiências, também por divisões, inimizades e até conflitos armados. A culpa humana, a falta de amor e frequente instrumentalização da fé e das Igrejas, com vista a interesses políticos, têm prejudicado gravemente a credibilidade do testemunho cristão. O ecumenismo, para as cristãs e os cristãos, começa, portanto, com a renovação dos corações e com a disponibilidade para a penitência e a conversão. Constatamos que a reconciliação já aumentou no âmbito do movimento ecuménico.

É importante reconhecer os dons espirituais das diversas tradições cristãs, aprender uns com os outros e deste modo receber os dons uns dos outros. Para um ulterior desenvolvimento do ecumenismo, é particularmente desejável contar com as experiências e a expectativas dos jovens, e encorajar a sua participação e colaboração.

Comprometemo-nos:

- em superar a autosuficiência, e a pôr de lado os preconceitos, a procurar o encontro recíproco, e a ser uns pelos outros;
- em promover a abertura ecuménica e a colaboração no campo da educação cristã, na formação teológica inicial e permanente, como também no âmbito da pesquisa.

3. Caminhando rumo a um Testemunho conjunto

No espírito do Evangelho, queremos testemunhar da unidade e da comunidade dos cristãos. No entanto, reconhecemos as nossas divisões históricas e presentes, que dificultam o nosso testemunho conjunto a este mundo.

O ecumenismo, portanto, começa para os cristãos com a renovação dos nossos corações e, assim, criando uma cultura de amor e promovendo a hospitalidade e a confiança.

Superamos condenações mútuas e caminhamos juntos em direção a uma compreensão mais profunda das liturgias e teologias uns dos outros, todas fundamentadas no Evangelho de Jesus Cristo. No nosso caminho ecuménico, o testemunho comum está no centro da evangelização. Ao partilharmos os dons espirituais das diferentes igrejas cristãs, nós celebramos as muitas formas de adorar a Deus no Espírito por meio de Jesus Cristo. Um particular sinal de esperança consiste nas orações, nas experiências e nos encontros dos jovens, para muitos dos quais ser cristão significa ser ecuménico.

Nós nos comprometemos

- a continuar a lutar pela compreensão cristã através das tradições e a prosseguir diálogos ecuménicos;
- a contribuir activamente para o estudo conjunto da nossa história de fé, para a cura das memórias e para a reconciliação;
- a superar as tentações da auto-suficiência, indiferença ou relativismo dentro de cada igreja;
- a procurar encontros mútuos e estar disponíveis para ajudar uns aos outros;
- a promover a abertura ecuménica e a cooperação no culto, no testemunho, na caridade, na educação cristã e na formação teológica.

2. Anunciar juntos o Evangelho

O dever mais importante das Igrejas na Europa é o de anunciar juntas o Evangelho, através da palavra e da acção, para a salvação de todos os seres humanos. Face à multiforme falta de referências, ao afastamento dos valores cristãos, mas também à variegada procura de sentido, as cristãs e os cristãos são particularmente solicitados a testemunhar a sua própria fé. Para tanto, impõem-se, a nível local, um maior empenho e uma troca de experiências no plano de catequese e da pastoral. Ao mesmo tempo, é importante que todo o povo de Deus se empenhe junto em espalhar o Evangelho, dentro do espaço público da sociedade, e em conferir-lhe valor e credibilidade também através do empenho social e da assunção de responsabilidades no campo político.

Comprometemo-nos:

- em fazer conhecer às outras Igrejas as nossas iniciativas para a evangelização, e em estabelecer acordos a propósito, para assim evitar uma concorrência prejudicial e o perigo de novas divisões;
- em reconhecer que todo o ser humano pode escolher, livremente e em consciência, a sua própria pertença religiosa e eclesial. Ninguém pode ser induzido à conversão, através de pressões morais ou incentivos materiais. Ao mesmo tempo, a ninguém pode ser impedida uma conversão que seja consequência de uma livre escolha.

4. Anunciar juntos o Evangelho

O dever mais importante das Igrejas na Europa é o de anunciar juntas o Evangelho, através da palavra e da acção, para a salvação de todos. Considerando a moderna história europeia de secularização e as múltiplas relações entre Estados e religiões nos países europeus, é importante dar testemunho de formas que respondam a todas as necessidades. Este testemunho exige espalhar a Boa Nova da salvação e da cura de Deus para este mundo juntos e não uns contra os outros. É importante proclamar e viver conjuntamente o Evangelho nas famílias, entre amigos, nos locais de trabalho, nas congregações, na educação, na pastoral, nas nossas sociedades, tanto no encontro pessoal como nos espaços digitais. A fé precisa de ser partilhada de forma a poder ser vivenciada e fornecer orientação na vida, incluindo o domínio público e as questões sociais e políticas.

Nós nos comprometemos

- a adoptar uma postura de receptividade face à diversidade de tradições, carismas e ministérios;
- a aproximar-nos activa e abertamente das igrejas nos nossos contextos com as quais ainda não temos relações, para procurar formas de testemunho conjunto e cooperação;
- a partilhar a fé e a evangelização com outras igrejas, estabelecendo acordos com elas e evitando assim a concorrência prejudicial e o risco de novas divisões;
- a reconhecer a liberdade religiosa não apenas como fundamental para responder ao chamado do Evangelho, mas também como direito civil de cada pessoa, o que significa não induzir ninguém à conversão por pressão moral ou incentivo material, mas também não impedir ninguém de entrar na conversão por sua própria vontade.

4. Trabalhar juntos

O ecumenismo exprime-se já em múltiplas formas de acção comum. Numerosos cristãos e cristãs de Igrejas diferentes vivem e trabalham juntos, como amigos, vizinhos, no trabalho e no seio das suas próprias famílias. Em particular, devem-se ajudar os casais interconfessionais e viver o ecumenismo no dia-a-dia.

Recomendamos que se criem e apoiem, a nível local, regional, nacional e internacional, organismos destinados à cooperação ecuménica de carácter bilateral e multilateral. A nível europeu, é necessário reforçar a colaboração entre a Conferência das Igrejas Europeias e o Conselho das Conferências Episcopais Europeias, a realizar ulteriores assembleias ecuménicas europeias.

Em caso de conflitos entre Igrejas, há que iniciar e apoiar esforços de mediação e de paz.

5. Prosseguir o diálogo e trabalhar juntos

Nas últimas décadas, percorremos um longo caminho no diálogo e no encontro entre as nossas igrejas. Somos gratos ao Senhor pelo que foi alcançado.

Muitos cristãos de diferentes igrejas vivem lado a lado e interagem criando amizades, nos seus bairros, no trabalho e nas suas famílias. Os casamentos entre igrejas tornaram-se uma fonte e inspiração no seu modelo de vida ecuménica, apontando para questões que precisam de ser abordadas abrindo caminhos para encontrar novas formas de comunhão no amor.

Foram criados e têm sido mantidos organismos ecuménicos bilaterais e multilaterais para a cooperação a nível local, regional, nacional e internacional. A nível europeu, é necessário reforçar ainda mais a colaboração entre a Conferência das Igrejas Europeias (CEC), o Conselho das Conferências Episcopais Europeias (CCEE) e outras organizações eclesiais interdenominacionais, tais como os fóruns nacionais pertencentes ao Fórum Cristão Global.

No caso de conflitos entre igrejas, os esforços no sentido da mediação e da paz devem ser iniciados e/ou apoiados conforme necessário. É importante reagir com espírito de honestidade, arrependimento e compromisso inequívoco com o Evangelho libertador de Cristo quanto a quaisquer tendências de fundamentalismo ou polarização nas igrejas, ou mau uso da religião.

Reconhecendo ainda haver questões que dificultam o nosso diálogo, fortalece-nos a forma como temos caminhado juntos.

<p>Comprometemo-nos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • em trabalhar juntos, a todos os níveis da vida eclesial, sempre que existam os pressupostos, e isso não seja impedido por motivos de fé ou por objectivos de maior importância; • em defender os direitos das minorias, e em ajudar a libertar o campo de equívocos e preconceitos, entre Igrejas maioritárias e minoritárias nos nossos Países. 	<p>Nós nos comprometemos</p> <ul style="list-style-type: none"> • a actuar em conjunto a todos os níveis da vida da igreja sempre que as condições o permitam e não existam razões de fé ou conveniência primordial que atenuem esta situação; • a continuar num diálogo consciente e intensivo a diferentes níveis entre as nossas igrejas, e examinar a questão de como os organismos oficiais da igreja podem receber e implementar as conclusões obtidas no diálogo; • a ajudar a reduzir mal-entendidos e preconceitos entre igrejas maioritárias e minoritárias nos nossos países; • em caso de controvérsias, especialmente quando divisões ameaçarem em questões de fé e ética, a buscar o diálogo e discutir as questões em conjuntos à luz do Evangelho.
<p>6. Prosseguir o diálogo</p> <p>A nossa pertença comum, baseada em Cristo, tem um significado mais fundamental do que as nossas diferenças no campo teológico e ético. Existe uma pluralidade que é dom e enriquecimento, mas existem também oposições doutrinárias, sobre as questões éticas e sobre as normas canónicas, que, ao invés, têm levado a rupturas entre as Igrejas, um papel decisivo, nesse sentido, tem sido muitas vezes desempenhado também por específicas circunstâncias históricas e por diferentes tradições culturais.</p> <p>A fim de se aprofundar a comunhão ecuménica, impõe-se absolutamente prosseguir nos esforços tendentes à consecução de um consenso de fé. Sem unidade na fé, não existe plena comunhão eclesial. Não há nenhuma alternativa ao diálogo.</p> <p>Comprometemo-nos:</p> <p>- em prosseguir conscienciosamente e intensamente o diálogo entre</p>	<p>Incluído em 5</p>

<p>as nossas Igrejas, aos diversos níveis eclesiais, e em verificar quais os resultados que possam e devam ser declarados, de forma vinculativa, pelas autoridades eclesiásticas;</p> <p>- em procurar o diálogo sobre os temas controversos, em particular sobre questões de fé e ética, sobre as quais pende o risco da divisão, e em debater juntos tais problemas, à Luz do Evangelho.</p>	
<p>III. A NOSSA RESPONSABILIDADE COMUM NA EUROPA</p> <p>"Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5,9)</p>	<p>III. ESFERAS DE ENCONTRO NA EUROPA</p> <p>"Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5,9)</p>

7. Contribuir para a construção da Europa

No decurso dos séculos, desenvolveu-se uma Europa caracterizada, no plano religioso e cultural, prevalentemente pelo cristianismo. Entretanto, por causa das falhas dos cristãos, espalhou-se muito mal, na Europa e para além das suas fronteiras. Confessamos a nossa corresponsabilidade em tal culpa, e disso pedimos perdão a Deus e às pessoas.

A nossa fé ajuda-nos a aprender do passado e a empenhar-nos, a fim de que a fé cristã e o amor ao próximo irradiem esperança para a moral e a ética, para a educação e a cultura, para a política e a economia, na Europa e no mundo inteiro.

As Igrejas encorajam uma unidade do continente europeu. Não se pode alcançar a unidade, de forma duradoura, sem valores comuns. Estamos persuadidos de que a herança espiritual do cristianismo representa uma força inspiradora que enriquece a Europa. Com base na nossa fé cristã, empenhamo-nos por uma Europa humana e social, em que se façam valer os direitos humanos e os valores basilares da paz, justiça, da liberdade, da tolerância, da participação e da solidariedade. Insistimos no respeito pela vida, pelo valor do matrimónio e da família, na opção preferencial pelos pobres, na disponibilidade para o perdão e, em todos os casos, na misericórdia.

Enquanto Igrejas e comunidades internacionais, temos de contrariar o perigo de que a Europa evolua para um Ocidente integrado e um Leste desintegrado. Também o desnível Norte-Sul tem de ser levado em consideração. Importa, entretanto, evitar toda a forma de eurocentrismo, e reforçar a responsabilidade da Europa em relação a toda a humanidade, em particular pelos pobres de todo o mundo.

Comprometemo-nos:

- em entendermo-nos quanto aos conteúdos e objectivos da nossa responsabilidade social, e em juntos apoiar o

6. Participar na Construção da Europa

Igreja compreende o seu compromisso na construção da Europa como parte da sua missão no meio dos povos europeus. A Europa resulta da partilha das muitas riquezas da diversidade dos seus povos. A fé cristã moldou a cultura do continente e está indissociavelmente ligada à sua história.

As igrejas apoiam a integração do continente europeu. Sem valores comuns, a unidade não pode durar. Estamos convencidos de que a herança espiritual do Cristianismo constitui uma poderosa fonte de inspiração e enriquecimento para a Europa.

Com base na nossa fé cristã, trabalhamos em prol de uma Europa humana e socialmente consciente, na qual prevaleçam os direitos humanos e os valores básicos da dignidade da pessoa humana, a paz, a justiça, a liberdade, a tolerância, a participação e a solidariedade. Condenamos qualquer forma de violência contra a pessoa humana, incluindo a violência baseada no género, especialmente contra mulheres e crianças. Insistimos também no respeito pela vida, no valor do matrimónio e da família, na opção preferencial pelos pobres, na disponibilidade para o perdão e, em todos os casos, tenha compaixão. Contrariamos tendências de divisões Oeste-Leste e Norte-Sul na Europa. A esperança de construir um mundo mais justo, uma Europa mais justa, mais digna da pessoa humana, deve ser associada à consciência de que os esforços humanos não servem de nada se não forem acompanhados da Graça Divina.

Nós nos comprometemos

- a contribuir para a integração da Europa a nível religioso, social e político;
- procurar um acordo mútuo sobre a substância e os objectivos da nossa responsabilidade social, e representar em conjunto, tanto quanto possível, as preocupações e visões das igrejas face às instituições seculares europeias;
- defender valores básicos contra violações de todo tipo;

<p>mais possível as exigências e tomadas de posição das Igrejas, face às instituições civis e europeias;</p> <ul style="list-style-type: none"> • em defender os valores fundamentais contra todos os ataques; • em resistir a toda a tentativa de instrumentalização da religião e da Igreja para fins étnicos ou nacionalistas. 	<ul style="list-style-type: none"> • fortalecer a posição e a igualdade de direitos das mulheres em todas as áreas da vida e promover a parceria na igreja e na sociedade entre mulheres e homens; • condenar o fundamentalismo religioso e tudo o que enfraquece os laços que nos mantêm unidos.
<p>10. Aprofundar a comunhão com o judaísmo</p> <p>Uma especial comunhão nos liga ao povo de Israel, com o qual Deus estabeleceu uma eterna aliança. Sabemos na fé, que as nossas irmãs e os nossos irmãos judeus «são amados (por Deus) por causa dos Patriarcas, porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis!» (Rm 11, 28-29). Eles possuem «a adopção filiar, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, os Patriarcas; deles nasceu Cristo segundo a condição humana» (Rm 9, 4-5).</p> <p>Deploramos e condenamos todas as manifestações de anti-semitismo, os pogroms, as perseguições. Pelo anti-judaísmo cristão pedimos perdão, e às nossas irmãs e aos nossos irmãos judeus o dom da reconciliação.</p> <p>É urgente e necessário tomar consciência, no culto e no ensino, na doutrina e na vida das nossas Igrejas, da profunda ligação existente entre a fé cristã e o Judaísmo, da profunda ligação existente entre a fé cristã e o Judaísmo, e apoiar a cooperação entre cristãos e judeus.</p>	<p>7. Fortalecer a nossa comunidade com o judaísmo</p> <p>Estamos ligados numa comunidade única com o povo de Israel. As relações judaico-cristãs continuam a ser uma parte importante da identidade de cada cristão. As nossas irmãs e irmãos judeus são o povo da Aliança que Deus nunca desfez. A nossa fé ensina-nos que eles ainda são “amados” e escolhidos; “pois os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11,28-29). “E deles, segundo a carne, vem o Cristo” (Romanos 9,5). O povo judeu nunca foi substituído pela Igreja, a Bíblia Hebraica nunca foi substituída pelo Novo Testamento, e a primeira Aliança não foi substituída pela nova. Estes nunca foram substituídos, mas cumpridos.</p> <p>Reconhecemos como dom do Espírito Santo a crescente consciência do profundo vínculo familiar que existe entre a fé cristã e o judaísmo. Neste Espírito, os judeus são nossos pais na fé e nossa raiz viva e sustentadora (Rm 11,18). Podemos adorar a Deus e orar juntos, compartilhar não apenas as mesmas Escrituras, mas também a sua compreensão. Esperamos que o diálogo genuíno nos leve a conhecer-nos, e a este conhecimento seja seguido o amor verdadeiro e a actividade comum. O que também nos ajudará no nosso diálogo ecuménico.</p>

Comprometemo-nos:

- em contrariar todas as formas de anti-semitismo e anti-judaísmo, na Igreja e na sociedade;
- em procurar e intensificar, a todos os níveis, o diálogo com as nossas irmãs e os nossos irmãos judeus.

No mesmo Espírito, deploramos e condenamos todas as manifestações passadas e presentes de anti-semitismo, todos os surtos de ódio e perseguição. Pedimos perdão a Deus pelas atitudes antijudaicas entre os cristãos e pedimos reconciliação aos nossos irmãos e irmãs judeus. Juntamente com os judeus, os cristãos devem tornar-se guardiões da memória da presença e herança judaica na Europa, quebrada e quase destruída na maioria dos lugares pela Shoah. Esquecê-lo significa concordar com os seus perpetradores e permitir a sua recorrência.

Nós nos comprometemos

- a opormo-nos a todas as formas de anti-semitismo e anti-judaísmo na Igreja e na sociedade;
- a procurar e intensificar o diálogo com os nossos irmãos e irmãs judeus a todos os níveis;
- fortalecer a conscientização sobre a herança judaica na nossa teologia e liturgia;
- a procurar oportunidades de cooperação e actividade conjunta (judaico-cristã) na Europa e no mundo;
- a renunciar à missão institucional junto dos judeus – permanecendo sempre prontos a dar testemunho pessoal de Jesus.

11. Cultivar relações com o Islão

Desde há séculos, muçulmanos vivem na Europa. Em alguns países eles representam fortes minorias. Por isso tem havido e há muitos contactos positivos, e boas relações de vizinhança entre muçulmanos e cristãos, mas também, por parte de ambos os lados, grosseiras reservas e preconceitos, que remontam a dolorosas experiências vividas no decurso da história e no passado recente.

Queremos intensificar, a todos os níveis, o encontro entre cristãos e muçulmanos, e o diálogo cristiano-islâmico. Recomendamos, em particular, que reflectamos juntos sobre o tema da fé no Deus único, e que se esclareça a compreensão dos direitos humanos.

Comprometemo-nos:

- em ter encontros com os muçulmanos, numa atitude de estima;
- em trabalhar juntamente com os muçulmanos sobre temas de interesse comum.

12. Cultivar relações com o Islão

Para judeus, cristãos e muçulmanos, Abraão é uma figura fundadora. As reflexões sobre as relações entre o Islão e o Cristianismo permitem aos cristãos compreender mais profundamente a sua posição dentro da família abraâmica. Compartilhamos com os muçulmanos a crença em um Deus misericordioso. Contudo, a crença cristã na divindade de Cristo e no Deus Triúno também nos diferencia. Tanto os nossos pontos em comum quanto as nossas diferenças nos podem ajudar a compreendermo-nos melhor a nós mesmos e uns aos outros.

Muçulmanos e cristãos partilham uma história e um presente na Europa, que tem sido marcada por muitos bons contactos e relações de vizinhança, mas também por guerras e experiências dolorosas, fortes reservas e preconceitos de ambos os lados. Para aumentar a nossa compreensão mútua e melhorar a nossa convivência, encorajamos uma intensificação dos encontros entre cristãos e muçulmanos e o reforço do diálogo muçulmano-cristão a todos os níveis.

Nós nos comprometemos

- a discernir e prosseguir assuntos de interesse comum com os muçulmanos;
- a opormo-nos à islamofobia na Igreja e na sociedade;
- a trabalhar em conjunto com os muçulmanos na causa da paz contra quaisquer formas de extremismo ou abuso da religião.

<p>12. O encontro com outras religiões e visões do mundo</p> <p>A pluralidade de convicções religiosas, de visões do mundo e de formas de vida tornou-se um traço marcante da cultura europeia. Alastram religiões orientais e novas comunidades religiosas, suscitando também o interesse de muitos cristãos. Além disso, há cada vez mais homens e mulheres que rejeitam a fé cristã, têm com ela uma relação de indiferença, ou seguem outras visões do mundo.</p> <p>Queremos levar a sério as questões críticas que nos são colocadas, e esforçar-nos por entrar num debate leal. Importa, a propósito, distinguir as comunidades com as quais se deve procurar diálogos e encontros daquelas face às quais, numa óptica cristã, pelo contrário há que acautelar-se.</p> <p>Comprometemo-nos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - em reconhecer a liberdade religiosa e de consciência, das pessoas e comunidades, e em fazer que elas, individual e comunitariamente, em privado e em público, possam praticar a sua própria religião ou visão do mundo, no respeito do direito vigente; - em estar abertos ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade, em buscar com elas objectivos comuns, e em lhes testemunhar a fé cristã. 	<p>9. Relações com outras religiões e visões de mundo</p> <p>O panorama espiritual na Europa está em constante mudança, com uma pluralidade de crenças religiosas e modos de vida não confessionais, juntamente com religiões orientais e novas comunidades religiosas.</p> <p>Ao respeitarmo-nos uns aos outros, levamos a sério as questões críticas uns dos outros, visando discussões justas. As igrejas têm a oportunidade de interagir com indivíduos e comunidades de forma a que a compreensão mútua possa ser promovida e as relações possam ser fortalecidas e aprofundadas.</p> <p>Nós nos comprometemos</p> <ul style="list-style-type: none"> • a reconhecer a liberdade de religião e a liberdade de consciência e a defender o direito de praticar a fé ou a crença, seja individualmente ou em grupo, privada ou publicamente, no quadro de direitos comuns a todos; • a estarmos abertos ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade, a empenharmo-nos com eles em assuntos de interesse comum e partilhar com eles o testemunho da nossa fé cristã.
<p>-</p>	<p>IV. CAMPOS DE ENVOLVIMENTO COMUM NA EUROPA</p> <p>“Como é bom e agradável quando os familiares vivem juntos em unidade!” (Salmo 133,1)</p>

8. Reconciliar povos e culturas

Consideramos como uma riqueza da Europa a multiplicidade de tradições regionais, nacionais, culturais e religiosas. Face aos numerosos conflitos, é dever das Igrejas assumir conjuntamente o serviço da reconciliação também para os povos e as culturas. Sabemos que a paz entre as Igrejas constitui, neste contexto, um pressuposto igualmente importante.

Os nossos esforços comuns dirigem-se à avaliação e resolução dos problemas políticos e sociais, no espírito do Evangelho. Desde o momento em que valorizamos a pessoa e a dignidade de cada um enquanto imagem de Deus, empenhamo-nos pela absoluta igualdade de valor de todo o ser humano.

Enquanto Igrejas, queremos promover juntos o processo de democratização na Europa. Empenhamo-nos por uma ordem pacífica baseada na solução não-violenta dos conflitos. Condenamos, portanto, toda a forma de violência contra os seres humanos, sobretudo contra as mulheres e as crianças.

Reconciliação significa promover a justiça social no interior de um povo e entre todos os povos, e em particular superar o abismo que separa o rico do pobre, como também o desemprego. Queremos contribuir juntos, a fim de que seja concedido um acolhimento humano e dignificante a mulheres e homens migrantes, aos refugiados e a quem procure asilo na Europa.

Comprometemo-nos:

- em contrariar toda a forma de nacionalismo, que conduz à opressão de outros povos e de minorias nacionais, e em procurar uma solução não-violenta dos conflitos;

10. Lutar pela Paz na Europa

A história da Europa prova que a guerra é, em última análise, fútil. Como cristãos, precisamos de implorar a paz de Deus como Seu dom, reconhecendo que a paz também precisa de ser construída dia a dia, através de acções/actos de justiça e de amor. É por isso que afirmamos que a guerra é uma derrota para a humanidade e que só na paz e através da paz pode ser garantido o respeito pela dignidade humana e pelos seus direitos inalienáveis. Não há verdadeira paz sem equidade, verdade, justiça e solidariedade.

Além disso, a nossa fé cristã não nos permite desesperar dos nossos adversários. Inspirados pela fé, não equiparamos os nossos adversários ao seu erro e não perdemos a esperança neles.

A paz faz com que as mentes se congreguem, estejam prontas para um diálogo sincero e contínuo, preparando o terreno para novos avanços em matéria de justiça no âmbito da coexistência pacífica de todos os seres humanos.

Nós nos comprometemos

- a trabalhar pela paz na Europa e no mundo inteiro, como pessoas feitas à imagem de Deus, o Senhor da Paz;
- a negar o uso indevido da religião para justificar fins políticos;
- a encorajar actos de perdão e reconciliação no domínio das nossas responsabilidades sociais, políticas e religiosas;
- a assumir responsabilidade uns pelos outros e pelo futuro.

<ul style="list-style-type: none"> • em melhorar e reforçar a condição e a paridade de direitos das mulheres em todas as esferas da vida, e em promover a justa comunhão entre mulheres e homens, no seio da Igreja e na sociedade. 	
<p>9. Salvar a criação</p> <p>Acreditando no amor de Deus criador, reconhecemos com gratidão o dom da criação, o valor e a beleza da natureza. Olhamos, todavia, com apreensão o facto de que os bens da Terra sejam desfrutados sem ter em conta o seu valor intrínseco, sem consideração pela sua escassez nem preocupação pelas gerações futuras.</p> <p>Queremos empenhar-nos juntos em criar condições sustentáveis de vida para toda a criação. Conscientes da nossa responsabilidade perante Deus, temos de fazer e desenvolver critérios comuns para determinar o que é ilícito no plano ético, mesmo que seja realizável sob o ponto de vista científico e tecnológico. Em todo o caso, a dignidade única de todo o ser humano tem de ter o primado em relação ao que é tecnicamente realizável.</p> <p>Recomendamos a instituição, por parte das Igrejas europeias, de um dia ecuménico de oração pela salvaguarda da criação.</p> <p>Comprometemo-nos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • em desenvolver um estilo de vida em que, em contraste com o domínio da lógica económica e do consumismo reconhecemos valor a uma qualidade de vida responsável e sustentável; • em apoiar as organizações ambientais das Igrejas e as redes ecuménicas que assumam uma responsabilidade pela salvaguarda da criação. 	<p>11. Salvar a Criação</p> <p>Acreditando na visão original de Deus para a humanidade, podemos ver que somos chamados a ser administradores fiéis, cultivadores cuidadosos e amantes generosos de toda a vida no nosso planeta. Embora a religião tenha um grande potencial para mudar a nossa maneira de nos relacionarmos com a terra e todas as suas criaturas, no passado alguns acreditavam que a passagem bíblica “sede frutíferos e multiplicai-vos e enchei a terra e subjugai-a” (Gn 1:28) dava permissão aos humanos para saquear a terra.</p> <p>Juntos, apelamos uns aos outros para conhecermos mais profundamente o mundo natural, compreendermos mais plenamente o que ameaça os limites planetários e o nosso futuro partilhado e fazemos tudo o que estiver ao nosso alcance para criar um mundo afável para todas as criaturas.</p> <p>Instamos todos os cristãos a cuidar e a salvar a nossa casa comum.</p> <p>Encorajamos os fiéis a valorizar a criação juntos durante todo o ano, mas especialmente durante o Tempo da Criação, que dura um mês.</p> <p>Nós nos comprometemos</p> <ul style="list-style-type: none"> • a realizar uma conversão ecológica a nível pessoal, eclesial, social e comunitário, para proteger toda a criação; • a instigar e apoiar especificamente iniciativas que enorajam o florescimento de todas as criaturas de Deus; • a trabalhar juntos para apoiar as comunidades afetadas negativamente pelas mudanças climáticas.

12. Migrações e Pessoas em Movimento

O afluxo de migrantes para a Europa está a mudar a paisagem espiritual das igrejas, com muitas comunidades cristãs locais a dever a sua existência à presença de migrantes. Este fenómeno remodelou a composição das congregações e enriquece a diversidade cultural e religiosa. O motivo bíblico de ser um estrangeiro, incluindo as próprias experiências de deslocação de Jesus, e o imperativo da hospitalidade sublinham a natureza transitória da existência humana e o apelo cristão para acolher, proteger, promover e integrar os migrantes.

Nós nos comprometemos

- a expressar unidade com os migrantes, reconhecendo a humanidade partilhada e promovendo um testemunho profético contra sistemas injustos;
- a envolvermo-nos em ações transformadoras que reflitam os valores de justiça, amor e inclusão inerentes à fé cristã;
- a aderir à diaconia, estabelecendo comités de acolhimento, oferecendo orientação e apoio linguístico, organizando programas de intercâmbio cultural e promovendo a construção comunitária a nível local;
- a defender com uma voz unida que interaja com as instituições políticas para defender os direitos e o bem-estar dos migrantes, moldando políticas, salvaguardando os direitos humanos, aumentando a consciência pública, forjando alianças, enfrentando desafios sistémicos, oferecendo cuidados pastorais e promovendo a colaboração internacional.

13. As Novas Tecnologias e o Digital

A Sagrada Escritura testemunha que Deus deu o Seu Espírito ao ser humano para que tivesse “capacidade, inteligência, conhecimento e toda espécie de habilidade” (Ex 35,31). A inteligência humana é expressão da dignidade com que somos dotados pelo Criador, que nos fez à Sua imagem e semelhança (Gn 1,26). A ciência e a tecnologia são produtos fascinantes do potencial criativo humano que moldam as nossas formas de relacionamento com o mundo, uns com os outros e conosco próprios.

A inteligência artificial e outras ferramentas digitais mudam a face da atividade e da responsabilidade humana, da comunicação, da administração pública, da educação, do consumo, das interações pessoais e de inúmeros outros aspetos da nossa vida quotidiana. As esperanças e ansiedades relacionadas com as novas tecnologias devem ser equilibradas com a visão de Jesus para uma humanidade florescente (João 10,10), respeitando a integridade e a dignidade inata da pessoa e o valor das relações pessoais e do conhecimento humano. Caso contrário, as desigualdades poderiam crescer desproporcionalmente, o conhecimento e a riqueza poderiam acumular-se nas mãos de poucos e haveria graves riscos para as sociedades democráticas e para a coexistência pacífica.

Nós nos comprometemos

- a defender a dignidade inalienável de cada pessoa;
- a promover o desenvolvimento integral e o bem comum;
- a encorajar o diálogo com todos os intervenientes na esfera pública sobre questões éticas, políticas, económicas e de justiça social;
- a promover quadros e directrizes éticas na consideração da digitalização e na utilização de novos meios tecnológicos.

14. A Europa e o Mundo

O Cristianismo desempenhou um papel essencial na formação da identidade e cultura europeia. Ao mesmo tempo, reconhecemos que a Europa não é a raiz nem o centro do Cristianismo. Ao contrário da nossa história colonizadora, fomos destinatários da fé cristã tanto no passado como hoje. Os cristãos na Europa fazem parte duma comunidade global. Como igrejas e como comunidades internacionais, devemos evitar o eurocentrismo. Consideramos enriquecedora a diversidade das nossas tradições regionais, nacionais, culturais e religiosas. Ao mesmo tempo, diferentes antecedentes culturais podem levar a controvérsias em questões de ética e fé. Como cristãos, envolvemo-nos uns com os outros com um espírito de escuta, discernimento e amor. Preocupamo-nos em construir relacionamentos e amizade com parceiros de outras partes do mundo.

Nós nos comprometemos

- a trabalhar pela promoção de uma visão integral de cada pessoa e do mundo;
- a resistir a qualquer tendência para a desumanização e o desrespeito pela vida humana;
- resistir a qualquer tentativa de mau uso da religião e da igreja para propósitos étnicos, nacionalistas ou populistas;
- contrariar qualquer forma de nacionalismo que conduza à opressão de outros povos e minorias nacionais e empenhar-nos em soluções não violentas;
- defender os direitos humanos e os direitos das minorias.